

Indústria

Produção de bebidas atrai investimentos no pós-cheia

Eixo entre Santa Maria, Santa Cruz do Sul e Lajeado reúne 50 empresas do setor

Logística é fator fundamental para qualquer setor produtivo. Mas, quando se trata de alimentos e bebidas, este item é ainda mais essencial. E a cheia de 2024, que deixou a Região Metropolitana ilhada, escancarou

os gargalos da logística gaúcha. Desde então, a faixa central do Estado, que foi tábua de salvação para garantir a manutenção das produções e distribuições de bebidas, que vão da água mineral aos refrigerantes e cervejas, têm atraído investimentos significativos para fortalecer a cadeia produtiva, com vistas também ao avanço para o mercado de Santa Catarina. O caso mais emblemático é o da

Coca-Cola. A fábrica de Porto Alegre só retomou a produção plena neste ano. Desde a cheia, a solução encontrada pela Femsa foi a planta industrial em Santa Maria.

A importância deste eixo foi tamanha que a empresa já anunciou investimentos de R\$ 200 milhões para ampliação da produção na cidade da Região Central, assim como na sua planta na Capital, nos próximos cinco anos.



TÂNIA MEINERZ/JC

Fruki inicia em agosto um segundo ciclo de investimentos de R\$ 110 milhões na cidade de Paverama

Conforme o Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul, no eixo entre Santa Maria, Santa Cruz do Sul e Lajeado, são pelo menos 50 empresas do setor de bebidas – 10% do total do Rio Grande do Sul, que tem a Serra e a Região Metropolitana como fortes polos produtores – e Santa Maria é o terceiro maior empregador do setor. O Estado é o terceiro no ranking nacional do setor de bebidas, com 13% dos estabelecimentos e 8% do mercado consumidor brasileiro. Somente entre as participantes do Arranjo Produtivo Local (APL) de Alimentos e Bebidas do Vale do Taquari, são oito empresas do setor.

É o caso da Fruki, uma das indústrias idealizadoras do APL, que escolheu Paverama para um arrojado avanço. Com a sede em Lajeado, depois de iniciada a produção na sua segunda fábrica em Paverama, no final de 2023, a empresa inicia em agosto um segundo ciclo de investimentos, com R\$ 110 milhões, para expandir o seu potencial em mais de 200 milhões de litros de bebidas ao ano, o dobro da atual capacidade do complexo em Paverama.

Chegará a 420 milhões de litros por ano, semelhante ao que já é operado em Lajeado. Além do próprio avanço no mercado, há possibilidade futura, como argumentou no último ano a diretora-presidente

da Fruki, Aline Eggers Bagatini, de produção para terceiros.

O crescimento em Paverama não se limita à produção de bebidas. A nova planta, atualmente, produz cerca de 50 mil garrafas PET de 500 ml por hora e vai dobrar essa capacidade. Somente no primeiro trimestre deste ano, a empresa registrou um crescimento de 53% no volume de vendas e, no faturamento, um incremento de 52%. Resultado, de acordo com Aline, da construção de uma marca ao longo dos anos. Em 2024, a empresa teve os maiores índices de vendas e faturamento com um século de atuação.

A Fruki hoje está consolidada nos mercados gaúcho e catarinense, e nos planos futuros, ainda sem metas concretas, deve avançar a outros mercados brasileiros e ao Mercosul. Se o refrigerante da marca Fruki é aquele que mais aparece na lembrança do consumidor, o crescimento da empresa está diretamente vinculado às produções de água mineral, sucos e água saborizada.

É no ramo de água mineral que a também tradicional Schuck Bebidas, de Santa Cruz do Sul, completa um ciclo de R\$ 8 milhões de investimento na sua produção. A empresa consolida a sua marca de água além do Mamiputuba, no mercado de Santa Catarina.

Usina em Santiago levará o trigo da lavoura para as bebidas gaúchas

A previsão era de que no final do ano passado estaria inaugurada, em Santiago, a primeira planta industrial de produção de etanol partir do trigo colhido especialmente no Vale do Jaguari e na Região Central do Estado, mas o projeto esbarrou em gargalos para a execução das obras, e, agora, diz o diretor da CB Bioenergia, Tiago Lacerda, a perspectiva é estar operando ainda neste ano.

“Os dois pavilhões já estão na fase construtiva final e todos os testes já foram feitos, com as licenças avançando. Só nos resta mesmo aprontar os pavilhões”, explica Lacerda.

Com uma capacidade, já na arrancada, de processar 100 toneladas de trigo por dia, e gerar 40 mil litros de álcool diários – 12 milhões de litros

por ano –, com o avanço do projeto, a empresa aproveita o tempo para sondar o mercado.

E detectou o crescimento no mercado e nos investimentos do setor de bebidas, especialmente entre as regiões dos vales do Rio Pardo e Taquari, Serra e Metropolitana. Em Lajeado, por exemplo, a Bebidas Chiamulera executa a ampliação da sua fábrica, consolidando marcas de destilados em todo o País. Por isso, este setor será o principal destino da produção da CB Bioenergia, pelo menos nos primeiros meses.

“Vamos priorizar a produção de álcool neutro para bebidas e cosméticos, além do envase de álcool gel 70%, porque hoje remuneram muito melhor, por exemplo, do que o setor de biocombustíveis. Mas, claro, também

produziremos uma parte para o setor de combustíveis. Tivemos o cuidado de, até o momento, como não temos produção para entregar, não fecharmos nenhum contrato de fornecimento”, aponta o diretor.

Na produção de bebidas, o álcool produzido a partir do trigo, com alto teor de pureza e qualidade, entra no processo de bebidas destiladas, mas também está no espectro o fornecimento de CO₂ para refrigerantes, água mineral e outras bebidas obtidas pela fermentação de cereais.

As Regiões Central, Vale do Jaguari e Jacuí Centro não têm os principais municípios produtores de trigo do Estado. Com redução de área plantada nos últimos anos, em 2023, Tupanciretã, com 25 mil hectares, foi o 10^o no Rio Grande

do Sul – no ano anterior, era o terceiro, com 34,1 mil hectares plantados. Todos os municípios da macrorregião retratada neste capítulo do Mapa Econômico tiveram reduções de áreas de trigo entre 2022

e 2023. No Vale do Jaguari, onde está a planta da CB Bioenergia, Jari e Santiago, que estão entre os cinco maiores plantios de trigo da macrorregião, cultivaram somente 16 mil hectares.

CB BIOENERGIA/DIVULGAÇÃO/JC



Expectativa é que a CB Bioenergia esteja operando ainda neste ano